

This file has been cleaned of potential threats.

If you confirm that the file is coming from a trusted source, you can send the following SHA-256 hash value to your admin for the original file.

32ca9734828d3b3bba86abd8ad4c0081fe35e5324cd32de5e3364a824ae2a850

To view the reconstructed contents, please SCROLL DOWN to next page.

<http://amazoniareal.com.br/desinformacao-no-eia-de-belo-monte-8-o-eia-e-o-aquecimento-global/>



Colunas

Desinformação no EIA de Belo Monte: 8 – O EIA e o aquecimento global

Philip Martin Fearnside

10/07/2017 17:56

Belo Monte é uma hidrelétrica de 11.233 MW no Rio Xingu, no Estado do Pará. A construção começou em 2011 e o reservatório foi enchido no final de 2015. A barragem tem graves impactos ambientais e sociais, incluindo impactos sobre os povos indígenas, e seu licenciamento e implementação envolveram várias violações dos acordos internacionais e das proteções constitucionais e da legislação brasileira (ver: [1-5]).

Entre os impactos de Belo Monte é a emissão de gases de efeito estufa (ver: [6]). O mesmo grupo que preparou a parte sobre hidrelétricas no primeiro Inventário Nacional [7] foi responsável pela seção do EIA de Belo Monte sobre as emissões de gases de efeito estufa. A estimativa das emissões de metano do futuro reservatório de Belo Monte é descrita da seguinte forma:

“.....Se a emissão de metano for similar ao reservatório de Xingó, a área projetada do reservatório (400 km²) de Belo Monte emitirá em torno de 29 mg CH₄ m⁻² d⁻¹. Mas se for similar ao reservatório de Tucuruí emitirá 112 mg CH₄ m⁻² d⁻¹. Em face da incerteza

tomamos que emitirá na média destes dois valores, ou seja, $70,7 \text{ mg CH}_4 \text{ m}^{-2} \text{ d}^{-1}$. Antes da inundação chega-se a um valor de emissão de $48 \text{ mg CH}_4 \text{ m}^{-2} \text{ d}^{-1}$, para a presente emissão da área a ser transformada em reservatório de Belo Monte.” ([8], Vol. 8, p. 72)

Novamente, a emissão suposta é mínima devido à omissão das principais fontes de emissão: as turbinas e vertedouros, além das árvores mortas que apodrecem acima da água [9]. No caso de Belo Monte, há outro grande fator que eleva as emissões reais para níveis ainda mais altos. Isto é o efeito de enormes barragens rio acima para controlar a vazão do rio Xingu na altura de Belo Monte.

O EIA-RIMA está todo feito sob a hipótese de que essas barragens não vão existir, e esse documento de quase 20 mil páginas se tornaria essencialmente uma obra de ficção se outras barragens fossem construídas. O impacto delas é evidente a partir dos dados técnicos. A primeira seria a hidrelétrica de Babaquara (hoje com o nome mudado para “Altamira”). Pelo plano original, esta barragem teria um reservatório de 6.140 km^2 , mais do que o dobro da notória barragem de Balbina. A variação vertical do nível da água no reservatório seria 23 m, assim abrindo um lamaçal de 3.580 km^2 todo ano como área de deplecionamento. Isto seria uma “fábrica de metano” sem paralelo na história dos reservatórios amazônicos.[12]

NOTAS

- [1] Fearnside P.M. (2012) “Belo Monte Dam: A spearhead for Brazil’s dam building attack on Amazonia?” *GWF Discussion Paper 1210*, Global Water Forum, Canberra, Austrália. 5 pp. http://www.globalwaterforum.org/wp-content/uploads/2012/04/Belo-Monte-Dam-A-spearhead-for-Brazils-dam-building-attack-on-Amazonia_-GWF-1210.pdf
- [2] Fearnside P.M. (2017) “Belo Monte: Actors and arguments in the struggle over Brazil’s most controversial Amazonian dam”. *Die Erde* 148 (1): 14-26. doi: 10.12854/erde-148-27
- [3] Fearnside P.M. (2017) “Brazil’s Belo Monte Dam: Lessons of an Amazonian resource struggle”. *Die Erde* (no prelo).
- [4] Magalhães S.M.S.B. & Hernandez F.M. (eds.) (2009) *Painel de Especialistas: Análise crítica do estudo de impacto ambiental do aproveitamento hidrelétrico de Belo Monte*. Painel de Especialistas sobre a Hidrelétrica de Belo Monte, Belém, Pará. 230 pp. [http://www.internationalrivers.org/files/Belo%20Monte%20pareceres%20IBAMA_online%20\(3\).pdf](http://www.internationalrivers.org/files/Belo%20Monte%20pareceres%20IBAMA_online%20(3).pdf)
- [5] Villas-Bôas A., Garzón B.R., Reis C., Amorim L. & Leite L. (2015) *Dossiê Belo Monte: Não há condições para a Licença de Operação*. Instituto Socioambiental (ISA), Brasília, DF. 55 pp. Disponível em: <http://t.co/zjnVPhPecW>
- [6] Fearnside P.M. (2011) “Gases de efeito estufa no EIA-RIMA da Hidrelétrica de Belo Monte” *Novos Cadernos NAEA*, 14: 5-19.
- [7] Brasil, MCT (Ministério da Ciência e Tecnologia) (2004) *Brazil’s initial national communication to the United Nations Framework Convention on Climate Change*. MCT, Brasília, DF. 271 pp. http://www.mct.gov.br/upd_blob/0005/5142.pdf

- [8] Brasil, ELETROBRÁS (Centrais Elétricas Brasileiras) (2009) *Aproveitamento hidrelétrico Belo Monte: Estudo de impacto ambiental*. Fevereiro de 2009. ELETROBRÁS, Rio de Janeiro, RJ. 36 vols.
http://philip.inpa.gov.br/publ_livres/Dossie/BM/DocsOf/EIA-09/EIA_%202009.htm
- [9] Fearnside P.M. (2009) “O Novo EIA-RIMA da Hidrelétrica de Belo Monte: Justificativas Goela Abaixo” In Santos S.M.S.B.M. & Hernandez F. del M. (eds.) *Painel de Especialistas: Análise Crítica do Estudo de Impacto Ambiental do Aproveitamento Hidrelétrico de Belo Monte*. Painel de Especialistas sobre a Hidrelétrica de Belo Monte, Belém, Pará. pp. 108-117.
- [10] Fearnside P.M. (2017) “Planned disinformation: The example of the Belo Monte Dam as a source of greenhouse gases”. In: Liz-R. Issberner & P. Lena (eds.) *Brazil in the Anthropocene: Conflicts between Predatory Development and Environmental Policies*. Routledge, **Taylor & Francis Group**, New York, E.U.A., pp. 125-142.
- [11] Fearnside P.M. (2012) “Desafios para mediação da ciência na Amazônia: O exemplo da hidrelétrica de Belo Monte como fonte de gases de efeito estufa” In Fausto Neto A. (ed.) *A Mediação da ciência: Cenários, desafios, possibilidades*, Editora da Universidade Estadual da Paraíba (EDUEPB), Campina Grande, Paraíba. pp. 107-123.
- [12] Este texto é traduzido e atualizada de [10], que foi adaptado de [11]. As pesquisas do autor são financiadas pelo Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq: proc. 304020/2010-9; 573810/2008-7), Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM: proc. 708565) e Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA: PRJ15.125).

Leia os artigos da série:

[Desinformação no EIA de Belo Monte: 1 – Resumo da série](#)

[Desinformação no EIA de Belo Monte: 2 – Barragens como a “única opção”](#)

[Desinformação no EIA de Belo Monte: 3 – A energia que “precisamos”](#)

[Desinformação no EIA de Belo Monte: 4 – Barragens como “energia limpa”](#)

[Desinformação no EIA de Belo Monte: 5 – A “Fábrica de metano”](#)

[Desinformação no EIA de Belo Monte: 6 – Coca-Cola versus Guaraná](#)

[Desinformação no EIA de Belo Monte: 7 – Barragens no Inventário Nacional de gases de Efeito Estufa](#)

Philip M. Fearnside é doutor pelo Departamento de Ecologia e Biologia Evolucionária da Universidade de Michigan (EUA) e pesquisador titular do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), em Manaus (AM), onde vive desde 1978. É membro da Academia Brasileira de Ciências e também coordena o INCT (Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia) dos Serviços Ambientais da Amazônia. Recebeu o Prêmio Nobel da Paz pelo Painel Intergovernamental para Mudanças Climáticas (IPCC), em 2007. Tem mais de 500 publicações científicas e mais de 200 textos de divulgação de sua autoria que estão disponíveis neste [link](#).